

Ecossistema dos livros cartoneros

Carlos Ríos¹

O projeto editorial *cartonero* é comunitário, colaborativo e solidário por natureza.

O papelão ondulado que sustenta o projeto editorial *cartonero* surgiu em meados do século XIX para preservar objetos de consumo durante seu transporte. Um século e meio depois, um grupo de escritores recuperou o papelão das ruas para construir livros.

O projeto editorial *cartonero* rompe as hierarquias do livro visto como objeto de culto e de prestígio. Assim, a experiência de leitura se modifica e se renova de maneira integral. E, por sua vez, transforma radicalmente as expectativas e as práticas de quem escreve.

O livro *cartonero* não perde os rastros da precariedade em que vivem milhares de pessoas que recuperam, diariamente, papelão nas ruas; é o mesmo que usam para se proteger do frio aqueles que dormem nas marquises, é o que se empilha nas carroças puxadas por cavalos ou pela mesma comunidade coletora para vendê-lo às empresas de reciclagem.

No projeto editorial *cartonero*, a caixa de papelão descartada inicia um novo ciclo de preservação, sob as formas e codificações próprias de um objeto cultural.

Em pouco mais de duas décadas, o projeto editorial *cartonero* dinamizou com seus catálogos heterogêneos a circulação de livros, ampliando

¹ Escritor argentino nascido em Santa Teresita (1967), autor de *Manigua* (Entropía, 2009; Cultura e Barbárie, 2016), *Cuaderno de Pripyat* (Entropía, 2012; Cultura e Barbárie, 2021), *Falsa familia* (EME, 2022), entre outros. Coordenador da Oficina Perambulante, editora de livros artesanais. O manifesto *Ecossistema de los libros cartoneros* foi publicado originalmente em Santiago del Estero, Argentina, por Tóxicxs (revista digital e editora artesanal), em novembro de 2022. Tradução ao brasileiro por Antonio Carlos Santos. RÍOS, C. "Ecossistema dos livros cartoneros". (p. 418-422)

a comunidade de leitores.

O método para recuperar o papelão nos espaços públicos se ajusta às necessidades do momento (inclusive em tempos de pandemia).

O projeto editorial *cartonero* assimila também outros materiais recuperados das ruas e da vida doméstica. Recipientes de papelão e de plástico podem se converter em folhas de rosto ou capas que instalam, nas aparências do livro, poéticas inovadoras.

O projeto editorial *cartonero* encontra seu desenvolvimento na bibliodiversidade e tende ao equilíbrio dinâmico dentro do sistema ecossocial, graças a sua capacidade de gerar ambientes culturais autossustentáveis.

O tempo de realização de um livro *cartonero* é muito breve; uma pequena comunidade pode armar uma tiragem durante uma tarde. Às vezes, seus leitores intervêm artisticamente nas capas e esperam que as pinturas no papelão sequem para levá-los.

A oficina do projeto editorial *cartonero* se constrói com as ferramentas que estão à mão em qualquer lugar; durante a produção de um livro de papelão, todo seu espaço circundante se transforma em oficina: uma praça, salas de aula, um espaço cultural, a própria casa.

O livro *cartonero* pode variar sua tiragem segundo as vendas, pode mudar de espaços de circulação com facilidade e ser parte de um catálogo maleável; essa condição de mutabilidade determina, em grande parte, a força que o instala no porvir do ecossistema editorial.

O projeto editorial *cartonero* se delimita no interior dos projetos de desenvolvimento sustentável comunitário porque aposta no cuidado com o meio ambiente e com os recursos, por suas ações econômicas e culturais baseadas na igualdade, na busca do bem-estar comum e na equidade social.

No projeto editorial *cartonero*, a caixa de papelão adota as formas convencionais de uma capa sem perder a origem de sua materialidade; ao se refuncionalizar na capa de um livro adquire uma insólita potência expressiva; diante de nossos olhos, a separação entre forma e conteúdo fica suspensa e o objeto começa a comunicar outros sentidos; sua história é também a história da comunidade que com suas mãos tornou-o possível.

A transformação que um livro *cartonero* produz nas sociedades, leve, rústico, feito de fotocópias ou com impressões caseiras, colado, costurado ou

amarrado, com suas capas alteradas por intervenções, sem orelhas ou estratégias comerciais, é um fato cultural que o transcende.

O projeto editorial *cartonero* entra e sai das prisões, finca pé em pequenas localidades, se abastece em espaços universitários, sobrevive nas favelas, no campo. Muitos destes livros desdobram suas cores, histórias e poemas em mercados, em feiras, em escolas, em festivais e celebrações populares. São artefatos que processam uma maneira de olhar o mundo e múltiplas maneiras de construir mundos.

Poderíamos pensar os livros *cartoneros* como o avesso da indústria editorial; seu rascunho, sua cópia falsa, um fenômeno de distorção, com um processamento dos materiais no limiar do livro objeto onde o próprio título, uma vez que houve intervenção no papelão, nunca será um livro idêntico.

O projeto editorial *cartonero* pode alinhar sua especificidade aos modos de organização popular e institucional que definem a recuperação de papelões no espaço público. Para isto, é necessária a articulação de duas experiências: a da sobrevivência econômica a partir do desenvolvimento sustentável e a dos projetos artísticos culturais que encontram na rua seus materiais e novas formas expressivas de subsistência.

Todos os materiais e ferramentas incluídos em um projeto editorial *cartonero* são produtos reciclados e modificam suas formas para serem mais funcionais ao trabalho artesanal.

O projeto editorial *cartonero* facilita os modos de expressão que não surgem nos modelos *standard* das produções de livros: a comunidade que o integra gera seu próprio ecossistema social.

A confecção do livro *cartonero* horizontaliza as relações de produção; basta dar uma oficina básica e, com passos muito simples, qualquer um poderá fazer livros e planejar um projeto editorial de acordo com suas necessidades. Além do mais, com o todo trabalho artesanal, os saberes e as destrezas técnicas se fortalecem e se asseguram nas práticas.

O projeto editorial *cartonero* não vai contra as opções mais comerciais, que capitalizam a indústria do livro; mas rechaça, sim, os monopólios que reforçam as exclusões sociais e as desigualdades culturais.

O livro *cartonero* é uma forma expressiva única que condensa a potência aurática do livro de artista ou livro-objeto e a simplicidade que oferecem seus materiais. Tal forma, além do mais, habilita a emergência de

novos modos de dizer, novas práticas de escrita e, especialmente, novos trajetos de leitura que não necessitam de instâncias de legitimação para serem praticados.

As capas de papelão acrescentam uma memória gráfica não apenas dos produtos industriais que transportaram; permanecem também as marcas de desenho, uma série de códigos de impressão que nas superfícies dos livros produzem sentidos inesperados.

O projeto editorial *cartonero* é um ponto de encontro de saberes dessemelhantes, sempre circulantes e nunca cristalizados, construído por dentro e por fora do mundo dos livros.

O projeto editorial *cartonero* associa materiais de maneira inovadora fazendo convergir múltiplos procedimentos artesanais; o papelão é pintado, estampado, gravado, impresso, etiquetado, é o suporte de uma colagem, de um título escrito apenas com uma caneta. Saberes que são marcas identitárias e, ao mesmo tempo, memória de um fazer instantâneo, performático e silvestre.

O projeto editorial *cartonero* desestabiliza, muito por baixo e de maneira silenciosa, o elitismo cultural e, ao mesmo tempo, os consumos massivos, tão fora da escala humana dos intercâmbios afetivos.

Falar do ecossistema do livro e, em particular, do livro *cartonero*, implica detectar e fortalecer, no marco dos intercâmbios que têm lugar em um ecossistema social, os indicadores que propiciam seu equilíbrio dinâmico e apontam para a consolidação do bem-estar comum.

A produção de livros no projeto editorial *cartonero* é o resultado de uma conversa incessante, democrática e consensual, em torno de materiais, tecnologias e processos que definem as propriedades específicas de seu trabalho. Tal conversa se dá, na maioria das vezes, durante a confecção dos livros.

A dimensão comunitária do projeto editorial *cartonero* supõe um ponto de encontro que não impõe hierarquias, onde os saberes são alianças e soluções técnicas que passam de mão em mão, sem distinção de idade, nem de segmentação social.

A forma expressiva do livro *cartonero* impulsiona novos significados que nos interpelam. O papelão de sua capa nos instala de novo na rua e é a partir daí que lemos: uma prática seletiva e situada que envolve experiências

e saberes dessemelhantes, põe em tensão as materialidades, reinventando-as.

No projeto editorial *cartonero*, a vida dos livros começa na recuperação de papelões nas ruas do mundo e é parte inseparável da escrita, das intervenções técnicas e artísticas de que é objeto, das leituras e escrituras, de sua circulação.

O livro do projeto editorial *cartonero* é vendido a custo muito baixo mas também é dado de presente, trocado.

No projeto editorial *cartonero*, combinam-se os saberes, e os papéis dentro de sua comunidade são intercambiáveis; quem recupera o papelão das ruas possui o mesmo estatuto de quem escreve um texto, corta ou pinta uma capa ou encaderna (qualquer pessoa pode fazer estes trabalhos).

O livro resultante do projeto editorial *cartonero* não constitui uma propriedade privada, nem se respalda ou se sustenta a partir de hierarquias alheias a sua razão de ser; permanece aberto aos aportes criativos e às necessidades da comunidade que se constitui em torno de sua realização.

Nas margens do mercado editorial, assimilando-se em maior ou menor medida às instituições ou rechaçando-as, questionando a fatalidade de um livro condenado a ser mercadoria, o projeto editorial *cartonero* não se detém.

O projeto editorial *cartonero* se define por sua dimensão humana, é imperfeito, necessariamente autocrítico e nas falhas encontra princípios de organização mais eficazes.

O projeto editorial *cartonero* encontra seu espaço na ecologia social e abre caminhos de convivência e desenvolvimento sustentável.